



# Metade das escolas secundárias públicas ficaram abaixo do esperado

A Universidade Católica do Porto calculou para o PÚBLICO qual o valor esperado dos resultados de cada escola pública atendendo ao meio de origem dos seus alunos. As que mais se superaram estão em contextos desfavorecidos

**Básico e secundário**  
Clara Viana

Nos exames nacionais foram mais as escolas públicas que ficaram abaixo daquele que era o seu valor esperado, tendo em conta o contexto socioeconómico dos seus alunos, do que aquelas que superaram esse limiar. Também pelo segundo ano consecutivo e devido, de novo, a provas mais difíceis, nenhuma pública figura entre os 20 primeiros lugares das tabelas feitas com base nas notas dos exames.

No secundário, a Infanta D. Maria, de Coimbra, volta a liderar, mas desceu do 21.º lugar (em 2011) para o 26.º, tendo a sua média passado de 13,5 para 12,4 (numa escala de 0 a 20). No básico, a primeira escola pública, Conservatório de Música do Porto, aparece em 32.º, com uma média de 3,7 (numa escala de 1 a 5). No ano passado, a primeira escola pública a figurar no ranking, a Escola Secundária Artística Calouste Gulbenkian, de Braga, estava em 29.º, com 3,5 valores.

À semelhança do que aconteceu nos últimos dois anos, o primeiro lugar nas tabelas ordenadas do secundário e do básico volta a ser ocupado por dois colégios do Porto: Nossa Senhora do Rosário e Horizonte, respectivamente com médias de 14,7 e 4,3. São resultados superiores aos obtidos pelas privadas que em 2011 ocupavam essas posições.

O sucesso dos alunos depende mais do contexto ou da escola? Pela primeira vez, este ano é possível espreitar além das médias que as escolas obtiveram nos exames nacionais. Acendendo a pedidos insistentes da comunicação social, das escolas e de investigadores, o Ministério da Educação e Ciência (MEC) divulgou não só as bases dos exames nacionais, como outros dados que lhe são reportados pelas escolas e que dão conta das características socioeconómicas dos agregados familiares dos seus alunos. Segundo o MEC,

esta informação só existe para as públicas e a que foi disponibilizada apenas integra as do continente. Os resultados são dos exames de 2012, mas a informação de contexto, que está organizada por agrupamentos de escolas, é a do ano lectivo de 2010/2011.

## Novo mapa das escolas

A partir destes dados, a equipa da Universidade Católica do Porto (UCP) liderada por Joaquim Azevedo, especialista em Educação e ex-secretário de Estado, fez para o PÚBLICO um novo mapa das escolas e do seu desempenho. Para o efeito seleccionaram as três variáveis que, depois de testada a informação disponibilizada pelo MEC, se mostraram ser as mais relevantes para a variação dos resultados entre escolas. São elas a habilitação média em anos de escolaridade dos pais dos alunos; as profissões só do pai e a percentagem de alunos por agrupamento ou escola isolada abrangidos pelo escalão A da Acção Social Escolar (ASE). Nesta situação estão os estudantes oriundos de agregados com um rendimento igual ou inferior a 200 euros por mês.

Tendo em conta o perfil das escolas nestas três variáveis em simultâneo foram definidos quatro contextos – os dois primeiros (1 e 2) são os mais desfavoráveis, e integram escolas que, por exemplo, têm entre 26 a 37% dos seus alunos no escalão A da ASE. Os dois últimos (3 e 4) correspondem a contextos mais favorecidos, com aquelas percentagens a oscilarem entre 14 e 21,4%.

Neste novo mapa das 1113 básicas públicas quase metade encaixam nos dois contextos mais desfavoráveis. Já nas secundárias o maior grupo está na categoria mais elevada. Das 495 existentes, 155 estão no contexto 4. No contexto 1 figuram 81.

Depois de ter agrupado as escolas por estas quatro categorias, a equipa da UCP calculou qual o valor esperado dos resultados de cada uma com base nas suas circunstâncias. Com



Nenhuma escola pública ficou nos 20 primeiros lugares das tabelas feitas com base nos exames

**“Os alunos que têm bons resultados são oriundos de famílias bem estruturadas e com condições económicas equilibradas”, diz Manuel Pereira, da Associação Nacional de Dirigentes Escolares**

este valor esperado do contexto, as escolas são comparadas com outras do mesmo grupo e não com as médias nacionais dos exames. Uma das críticas mais frequentes ao modo como têm sido feitos os rankings desde 2001 é que estes comparam o que é incomparável. Por exemplo, uma escola pública do interior com um colégio de elite de Lisboa.

Com esta nova comparação constata-se que 51% das secundárias estão abaixo do seu valor esperado do contexto. O mesmo acontece com 48% das básicas. Das 100 secundárias públicas com melhores médias nos exames, 65 pertencem ao contexto 4. Mas é também nas escolas posicionadas neste contexto mais favorável que se encontra

maior diferença entre aquelas que ficam abaixo do seu valor esperado e aquelas que o ultrapassam. Das 155 secundárias do grupo, 89 não atingiram os resultados esperados em função das condições socioeconómicas dos seus alunos. Esta situação repete-se também no básico: das 234 escolas no contexto 4, 128 ficaram abaixo do seu valor esperado.

## O “filtro” do secundário

Do conjunto das secundárias públicas, as duas que mais superam o seu valor esperado pertencem ao contexto 1, o mais desfavorecido dos quatro. Na EBS Padre António de Andrade, em Oleiros, aos alunos do 11.º e 12.º anos que foram a exame podem ser atribuídas característi-



cas socioeconómicas idênticas às do agrupamento. A média dos exames do secundário foi de 11,7 quando o seu valor esperado estava nos 8,5. Ficou em 45.º lugar no *ranking* (ver reportagem nas págs. 6/7). Já na segunda escola que mais ultrapassou o seu valor esperado, a Padre António Morais da Fonseca, da Murtosa, a sua directora, Ana Paula Santos, indica que os estudantes do secundário que foram a exame eram sobretudo oriundos da classe média, com pais com mais anos de escolaridade. A média dos exames foi de 10,4, quando o seu valor esperado era de 8,5. Ficou na posição 157 do *ranking* do secundário, que engloba 608 escolas públicas e privadas.

Ana Paula Santos, que atribui tam-

bém o resultado ao “acompanhamento dado pela escola”, confirma que o agrupamento se encontra de facto num contexto muito desfavorecido, mas acrescenta que ali, como em muitas outras escolas, a entrada no secundário funcionava como “um filtro”: “Os que escolhiam ir para o curso de Ciências e Tecnologias eram os que queriam mesmo prosseguir os estudos. Os outros ou optam pelos cursos profissionais ou já não vão mais além”. Este ano chegou ao secundário a primeira leva de jovens abrangidos pela escolaridade obrigatória até aos 18 anos. A sua escola não teve estudantes suficientes para abrir uma turma de ensino regular no 10.º ano.

Até agora, as secundárias tinham geralmente menos alunos oriundos de meios desfavorecidos do que as básicas. Ao divulgar os dados apenas por agrupamento, quando estes existem, o MEC escamoteia esta diferença e torna mais difícil determinar o perfil de metade dessas escolas. Em 2011, ano a que se reportam os dados do ministério, a outra metade não estava integrada em agrupamentos.

No ensino básico entre as escolas que mais ultrapassam o seu valor esperado também figuram duas do contexto 1. Na EB Manuel Magro Machado, em Marvão, que foi também a que mais subiu no *ranking* elaborado com base apenas nas notas dos exames, o feito foi atribuído pelo seu director a dois professores contratados, que este ano já lá não estão (ver págs. 20/21). Na EB de Trancoso, os 22 alunos que fizeram os exames de Português e Matemática deram uma média de 3,2, quando o seu valor esperado era de 2,66.

A escola está inserida num agrupamento que ultrapassa os mil alunos. O director, Rui Ribeiro, atribui os resultados ao “mérito e estabilidade do corpo docente, à boa adaptação dos planos da escola aos programas nacionais e ao perfil do que vai ser avaliado”. “Também tivemos um grupo de alunos empenhados e estudiosos”, acrescenta. Para este resultado contribuiu ainda o facto de os alunos com historial de insucesso terem sido encaminhados para outras vias de ensino, como os Cursos de Educação e Formação, o que tem permitido “ao ensino regular ter outra qualidade”, diz. A nível nacional, cerca de 10% dos alunos do 3.º ciclo estão fora do ensino regular.

Das 100 escolas pior posicionadas no *ranking* do secundário, apenas duas pertencem ao contexto 4, o

mais favorecido. No contexto 1 estão 35. Nesta parte final da tabela figuram no básico seis escolas do contexto 4 e 40 do contexto 1.

Na situação inversa, entre as 100 melhores posicionadas no *ranking* do básico, mais de metade são do contexto 4, mas neste pelotão também figuram 12 do grupo com condições mais adversas.

### Fazer a diferença

A presença destas escolas mostra que é possível superar os constrangimentos do meio de origem. Utilizando uma técnica estatística que permite encontrar a relação entre várias variáveis – a análise de regressão – a equipa da UCP concluiu, aliás, que os dados socioeconómicos utilizados apenas explicam 40% da variação registada nas médias obtidas pelas escolas. Quer isso dizer que o resto depende das escolas?

Manuel Pereira, presidente da Associação Nacional de Dirigentes Escolares, e director agrupamento de escolas de Cinfães, que se situa no contexto mais desfavorecido, reconhece que as escolas e os professores podem “fazer a diferença”, mas pela sua experiência não tem dúvidas de que “a situação social das famílias e da comunidade envolvente tem enorme influência nos resultados”. Uma regra que, segundo ele, tem poucas excepções: “Os alunos que têm bons resultados são oriundos de famílias bem estruturadas e com condições económicas equilibradas”.

Já Adelino Calado, da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, e responsável pelo Agrupamento de Escolas de Carcavelos, que se situa no contexto 4, considera que “as escolas têm, de facto, uma grande margem de manobra”. O que explica os diferentes resultados das escolas públicas são “os projectos educativos adoptados e a forma que se escolhe para avaliar os alunos”. Ou seja, “o que é determinante nos resultados finais são as opções pedagógicas”.

A outro nível, e embora constate que os estudantes de meios desfavorecidos têm mais probabilidades de obterem maus resultados, também a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico defende que o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, que é o rendimento por habitante, apenas explica 6% das diferenças dos resultados dos alunos dos diferentes países.

**PÚBLICO**  
 Universidade  
 Católica  
 do Porto

# Ranking

Listas ordenadas  
 de todas as escolas  
 com as notas dos alunos  
 nos exames nacionais  
 e a caracterização  
 das famílias

## Metade das escolas secundárias públicas ficaram abaixo do esperado

Pela primeira vez é possível comparar  
 escolas do mesmo contexto socioeconómico

A escola Padre António de Andrade de Oleiros  
 é a que mais se supera

Os colégios Nossa Senhora do Rosário e Horizonte,  
 no Porto, têm as médias mais altas de exame

Nas primeiras 100 escolas com 6.º ano há apenas  
 cinco públicas. Três são de música

Alunos carenciados são a maioria num terço dos  
 agrupamentos escolares

Análises de Joaquim Azevedo e Conceição Portela

# RANKING

## METADE DAS ESCOLAS SEGUNDÁRIAS PÚBLICAS FIGOU ABAIXO DO ESPERADO

PELA PRIMEIRA VEZ É POSSÍVEL  
COMPARAR ESCOLAS DO MESMO  
CONTEXTO SOCIOECONÓMICO

Todas as listas numa análise  
PÚBLICO/Universidade Católica do Porto  
**Suplemento especial de 40 pães.**

